



RESISTÊNCIAS...

Quando o muro separa uma ponte une
Se a vingança encara o remorso pune
Você vem me agarra, alguém vem me solta
Você vai na marra, ela um dia volta
E se a força é tua ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós, olha aí

Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto
De repente olha eu de novo
Perturbando a paz, exigindo troco
Vamos por aí eu e meu cachorro
Olha um verso, olha o outro
Olha o velho, olha o moço chegando
Que medo você tem de nós, olha aí

O muro caiu, olha a ponte
Da liberdade guardiã
O braço do Cristo, horizonte
Abraça o dia de amanhã, olha aí
(*Pesadelo* - Mauricio Tapajós e Paulo César Pinheiro)

Na escrita tudo fala. Não há um objeto a ser conhecido e sequer um sujeito que domine o conhecimento. Toda e qualquer escrita é uma fruição mútua, em que tudo afeta e tudo é afetado. Este é o desafio que se fez presente para nós, ao organizarmos este dossiê, e para muitos dos que dele participaram¹.

A experimentação ilumina o pensamento como (cri)ação, logo acontecimento. Narrativas que apontam o abominável, transformam palavras num bloco de sensações que faz aparecer fragmentos de vidas ativas e comprometidas. A complexa e delicada cartografia destaca a tessitura da rizomática “memória para uso diário”², cuja possibilidade transdisciplinar rompe as bordas, permitindo a interlocução heterogênea de diferentes saberes em seus múltiplos

¹ Agradecemos a colaboração de Zelia Esteves Lima secretária do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ e Camila Pires Gomes.

² Referência ao documentário que narra a trajetória do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ, financiado pela Comunidade Europeia e dirigido por Beth Formaggini, em 2007.

lugares de fala. Não existe homogeneidade de posições. As diferenças se fazem presentes na trajetória dessas três décadas de existência do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ, contra a tirania do pensamento único imposto pelo capitalismo.

Abre o dossiê o artigo de Luiz Edmundo Moraes, *Os matizes do silêncio: o problema da anistia a torturadores entre 1979 e 1985* que, a partir de um estudo de caso, procura analisar os diferentes modos como o silêncio sobre os crimes de Estado praticados durante a ditadura civil-militar, estabelecida em 1964, foi sendo conduzido por diversos setores da vida social por meio do silêncio consentido.

Em *Políticas públicas e as lutas por memória e justiça: contradições e limites*, Lucas Pacheco Campos descreve os desafios enfrentados pelo Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. O autor destaca a frágil absorção das pautas por memória e justiça pelo Estado. Salienta as contradições e os limites intrínsecos à crença de que tais reivindicações históricas poderão ser finalmente atendidas por meio de sua política de memória. A trama complexa das *Disputas e limites da Comissão Nacional da Memória e Verdade no Brasil* é analisada por Livia de Barros Salgado que enfatiza as contradições relativas ao contexto de criação da Comissão Nacional da Verdade (CVN) e o resultado final do seu trabalho. Merece destaque a sua crítica ao conceito de “vítima” presente neste documento. Mauro Brandão Carneiro em *O envolvimento de médicos legistas do Rio de Janeiro com as torturas durante a ditadura civil-militar de 1964-1985* analisa os desfechos de processos ético-profissionais no Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (CREMERJ) que envolveram médicos legistas denunciados pelo Grupo Tortura Nunca Mais-RJ. Tais profissionais foram acusados de emitir laudos falsos de militantes assassinados sob tortura, laudos esses que na verdade confirmavam a versão oficial da repressão: mortos por “atropelamento”, “tiroteio” ou “suicídio”.

Problematizando a experiência clínicopolítica da equipe clínico-grupal tortura nunca mais Cecília Maria Bouças Coimbra e Ana Monteiro de Abreu analisam algumas linhas ético-estético-políticas que atravessaram a experiência compartilhada pelas autoras, bem como o percurso do trabalho de assistência médica-psicológica-fisioterápica a pessoas atingidas, direta ou indiretamente, pela violência do Estado. Enfatizam dois pontos: a indissolubilidade entre clínica e política e o perigo da produção da figura da vítima.

Rafael Maul de C. Costa apresenta *A trajetória da Medalha Chico Mendes de Resistência*, organizada pelo Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, em parceria com outros

movimentos sociais e entidades de defesa dos direitos humanos, desde 1989. Considera que a Medalha simboliza e materializa o processo de construção de uma certa concepção de movimento social de defesa dos direitos humanos, que se transforma ao longo do tempo, mas que parte da compreensão de que essas são lutas contra a violência de Estado.

Maria Clara Alves de Barcellos discute em *O governo das juventudes, o imperceptível e o estranho aos controles: as ocupações secundaristas no Rio de Janeiro*, as condições de possibilidade que permitiram o seu surgimento e o que elas interrogam e detonam acerca do nosso presente. A partir do avanço e dos efeitos da sociedade de controle, discute a formação de uma subjetividade policial em que cada cidadão é levado a ser o delator e juiz.

Em *As tragédias dos bairros onde moram*, Vera Malaguti Batista evoca a ideia de ocupação de um território em que o capitalismo estabeleceu um espaço criminalizado, dominado pela lógica brutalizante das *commodities* ilícitas, mas muito rentáveis. A tarefa é regular coexistências nos territórios da desigualdade ao invés de uma sociabilidade prazerosa entre diferentes na construção de redes coletivas de apoio e cuidado. É porque, antes da ocupação territorial, já se tinham ocupado as almas.

A historicidade do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ emerge nas diferentes narrativas e protagonismos que explicitam, num jogo de astúcia, a arte do dito “fraco” como tática de resistência. Assim, Frei Betto em *Tortura, retrato em branco e preto*, expõe o macabro ritual que reduz o humano à abjeta condição de verme. Mergulha-o num oceano de terror cujas margens ignora.

Da violência explícita ao relato de José Novaes que procura *na forma de* uma carta-testemunho iluminar o trabalho de pesquisa do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ e o acervo histórico construído na luta pelos direitos humanos no Brasil.

Lília Ferreira Lobo no depoimento *GTNM-RJ: Micropolítica e Amizade* revisita a memória de sua militância política, nos anos 60 e 70 do século passado, caminhos que a levaram à aliança com este grupo. Uma instigante questão atravessa o seu depoimento: “é possível separar o fazer político do afeto?”

Os 30 anos de resistência do GTNM-RJ emerge na fala de Estela Sheinvar, filha de exilados políticos da ditadura civil militar instalada no Brasil em 1964, que viveu no México. Neste depoimento, a autora destaca como a experiência do exílio produziu afetos que se fizeram presentes a prática da solidariedade.

Já Virgínia Fontes, em *Enfrentando Tempos Sombrios*, traça a trajetória do GTNM-RJ, em seu combate claro e consciente contra o silenciamento do diverso, do divergente, da opinião, da capacidade de organização popular, assegurando a sua autonomia frente ao Estado.

Outro relato emocionado é o *Encontro* do médico José Carlos Gonçalves Diniz com o Grupo que, quando vice diretor do Hospital Geral de Bonsucesso, guardou as ossadas retiradas do Cemitério Ricardo de Albuquerque pelo GTNM-RJ

Ainda a historicidade vivida de forma intensa emerge na fala de Heloisa Greco, nossa Bizoca que expõe os desdobramento e parcerias construídas na caminhada do *Grupo Tortura Nunca Mais - RJ: compromisso incondicional com História, memória, verdade, justiça e ação*.

Pasar de la desesperanza a la esperanza assim o depoimento de Mariana Lagos, psiquiatra da Equipe Argentina de Trabalho e Investigações Psicossociais (EATIP) e aponta as contribuições teórico-práticas para a área psi, através do trabalho desenvolvido pela equipe Clínico Grupal do GTNM-RJ.

Encerra a sessão o depoimento de Tim Cahill *Grupo Tortura Nunca Mais - Some recollections*, membro da Anistia Internacional para assuntos relativos ao Brasil, aponta para a parceria entre estas duas organizações no combate às atrocidades do Estado brasileiro, durante a ditadura civil-militar estendendo-se até o período em que esteve vinculado a esta instituição.

Na sessão Experimentadores o foco está nas narrativas produtoras de sentido não necessariamente acadêmicas, mas, que possam auxiliar a pensar criticamente as questões históricas passadas e contemporâneas. São expressões afetadas e afetivas que explicitam a coragem da verdade ao denunciar as faces e contra faces do estado de exceção. Assim, na fala de Victoria Grabois, em *A Guerrilha do Araguaia e a Sentença da corte interamericana de direitos humanos*, apoiada nas legislações e nos discursos dos agentes do Estado, relata o lamentável descaso deste e de seus aparelhos na busca pelas ossadas da Guerrilha do Araguaia e reforça a resistência dos familiares no encontro dos corpos insepultos, desde 1980.

Ainda *Remando por um rio de memórias e vivências*, a menina/senhora da terceira geração dos moradores da região que foi palco da Guerrilha do Araguaia, Áurea Alves Cardoso, aponta a fala das testemunhas-sobreviventes como um dos meios de enfrentar essas incessantes produções de subjetividades, que tentam silenciar, produzir medo e despotencializar esses moradores a fim de torná-los presa fácil à exploração, à criminalização e ao extermínio.

A experiência macabra da violência institucionalizada emerge no texto de João Costa Filho. *Um passo à frente, dois atrás (ou) As Forças Armadas e o método da seleção natural forçada* expondo as falas doídas de Cármen Lúcia Lapoente da Silveira para reconhecimento do Estado e do exército pela morte, por tortura do seu filho. O que faz aparecer outros casos desconhecidos pelo público.

Já Regina Ribeiro Parizi Carvalho, em *Participação de médicos em torturas no período da ditadura militar*, sublinha que a despeito das dificuldades políticas e limitações, diante de medidas adotadas pelos militares para proteger seus profissionais, como o decreto-lei 6.681/1979, as apurações sobre a participação de médicos brasileiros em torturas passaram a ser um precedente histórico com repercussão mundial.

Romildo Maranhão do Valle expõe em *A vala clandestina – relato de um familiar de desaparecido* a narrativa afetada pela dor que conduz a pesquisa da qual participou. A dramática localização em Ricardo de Albuquerque dos restos mortais de quinze militantes assassinados e ocultados pela ditadura e sepultados como indigentes. A dor vira monumento, forma de preservação e registro histórico

Patrícia Ferreira de Souza Lima e Diego Grossi buscam discutir *Os lugares de uma memória da ditadura empresarial-militar em Petrópolis-RJ*. O experimento objetiva não só sensibilizar o olhar turístico sobre a memória de repressão e da oposição na Cidade Imperial, mas ativar um turismo pedagógico que, reunindo professores da rede pública e alunos de graduação em Turismo, instigasse o olhar crítico sobre este período sombrio da nossa história

Álvaro Alberto, um agente do estado e da guerra entre democracias e ditaduras de Fabrícia Nascimento Silva de Oliveira, a narrativa de uma trajetória pessoal discute a relação entre o processo de expropriação e exploração da classe trabalhadora na Baixa da Fluminense, com o desenvolvimento de uma indústria de guerra. O foco da observação é a fábrica de explosivos denominada Rupturita S/A Explosivos, instalada no 3º Distrito de Nova Iguaçu no final da década de 1940

O Experimentação final nos conduz ao *Encontro, encontros* do escritor Sergio Mudado que alterna de modo inextrincável ficção e realidade, o texto conta como se deu o encontro do autor com o GTNM-RJ, e a forte relação que aí se construiu, em que a figura de Maria Auxiliadora Lara Barcelos (Dora, Dorinha, Dodora), militante na resistência à ditadura, presa, torturada, exilada e suicidada em 1976, em Berlim, é presença central

A última seção reúne artigos que, especificamente, não tratam da trajetória do GTNM/RJ, mas problematizam questões contemporâneas, também pensadas pelos GTNM/RJ, como a violência em suas múltiplas formas bem como as polifônicas vozes e linhas de resistência, quer seja na *Memória do corpo calado: Das cenas, das questões e dos processos de uma filosofia do cotidiano* de Edson Teles que problematiza a dupla construção inscrita no livro testemunho “Retrato calado” A questão central, recorrendo ao auxílio das suas próprias experimentações em relação ao período ditatorial como forma de conferir maior profundidade às análises do vivenciado em territórios que habitamos.

Empresariado e ditadura no Brasil: o estado atual da questão e o caso dos empreiteiros de obras públicas, Pedro Henrique Pedreira Campos problematiza o conteúdo social do regime e os agentes que apoiaram e se beneficiaram do golpe de 1964 e foram intensamente recompensados pelo autoritarismo e políticas estatais implementadas durante a ditadura brasileira

Danichi Hausen Mizoguchi *O tacão das botas e as amizades: Ou políticas do olhar entre o poder e a resistência* parte de uma das cinco viagens de Michel Foucault ao Brasil pra discutir a vigilância realizada pelo Sistema Nacional de Informação – e, em outro momento, pela Agência Central Inteligência americana. Por outro lado propõe-se, segundo suas palavras, a *destrinchar uma outra política do olhar – aquela a partir da qual o mundo é percebido diferentemente – e, com isso, forças inventivas operam neste mesmo mundo, fazendo dele matéria-prima para gestos de resistência criativa: as políticas da amizade.*

Edson Passetti em *Mortos e mortificações: da política das condutas à atitude vital* parte da expressão bandido bom é bandido morto, para inquirir as metamorfoses da segurança na atualidade, intimamente relacionada à redução de desigualdades econômicas e sociais, a controles sobre o meio ambiente e à gestão democrática. No seu entender a ilusão da pacificação permanece, assim como a profusão de ilegalismos.

A seção finaliza de maneira provocativa com as *Cartas Impertinentes. Agonística de uma escrita sobre o intolerável* de Luis Antonio dos Santos Baptista, que ao ser encaminhadas a diferentes destinatários, multiplica os espaços de ação e de resistência às práticas pastorais referentes aos atos de intolerância, ou genocídio, aos modos de existência incompatíveis à evangelização da vida social.

Aceitem o nosso desafio e habitem esses textos. São falas de homens e mulheres, filhos do seu tempo que se arriscaram e disseram não, explicitando a “coragem da verdade”. Tal como

aquele que sabe o risco que corre e, mesmo, assim afirma a sua fala franca, atualizando um experimento parresíasta (FOUCAULT, 2011). Embora o dossiê ilumine momentos sombrios da história do nosso país, não se submete aos tempos mortos, pois a vida como arte da resistência está presente em cada dito e mesmo não dito. O que se deseja neste espaço virtual da Transversos, revista do Laboratório do Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais é ativar a potência dos encontros e a partir das condições de possibilidades da blogosfera fazer espargir a “esperança equilibrada”. Afinal, não é preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária conforme afirmava Foucault no Manifesto para uma vida não fascista (1977).

Falar de resistência, neste momento, é falar de Marielle Franco, de suas lutas e de seu embate direto e cotidiano às políticas de dominação e exclusão. Este número é dedicado a esta guerreira.

...Não estamos alegres, é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história é agitado.
As ameaças e as guerras
havemos de atravessá-las ao meio,
rompê-las ao meio, cortando-as
como uma quilha corta as ondas .
(MAIAKOVSKI, 1987: p.185)

As editoras
Cecília Maria Bouças Coimbra
Joana D'Arc Fernandes Ferraz
Marilene Rosa Nogueira da Silva

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Preface. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo Veiga-Neto.

_____. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Editora WMF, 2011.

MAIAKOVSKI. *Antologia poética*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1987.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; FERRAZ, Joana D`Arc Fernandes; SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. Resistências.... Revista Transversos. “Dossiê: **Revista Transversos. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”**. Rio de Janeiro, n°. 12, pp. 4-11, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: <https://doi.org/10.12957/transversos.2018.33923>

